



14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 05 - Sociologia na educação Básica

Vivência em sala de aula: uma etnografia sobre o aprendizado em sociologia no ensino médio

Gustavo do Carmo Lopes¹

¹ Mestre em sociologia (ProfSocio- UFPR), professor de sociologia do estado do Paraná (SEED), e-mail: gustavolopes84@hotmail.com.

Introdução

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa efetuada em duas escolas da rede de ensino estadual do Paraná, o Colégio Estadual Paulo Leminski e o Colégio Estadual Cívico Militar República Oriental do Uruguai com alunos do 2º e 3º anos do ensino médio. Com uma localização próxima e uma comunidade escolar semelhante (alunos, professores, pais e responsáveis) as escolas apresentam diferenças específicas em relação às políticas e modelos adotados ao longo dos últimos anos. Com a implementação do novo ensino médio no Brasil (2016) e do programa cívico-militar no Paraná (2022), a educação pública sofreu mudanças significativas no âmbito institucional e na questão do ensino e aprendizado nas salas de aula. Iniciou-se então, um processo de perda significativa da qualidade do ensino observado pelos docentes e discentes das escolas públicas do país e diversas consequências para a formação dos jovens, como apontado por Santos e Martins (2021), em relação ao alinhamento da reforma com organismos internacionais (Banco Mundial e OCDE, entre outros), que submeteu os currículos ao mercado de trabalho e o papel dos alunos como meros aprendizes numa articulação do ensino público com o mercado de trabalho capitalista.

A partir desse contexto e com as diversas experiências no ambiente escolar, principalmente nas salas de aula na condição de educador, percebi que a educação e o ensino de sociologia deveriam ser compreendidos mais como uma prática de atenção e não de transmissão do conhecimento, como colocado pelo antropólogo e autor Tim Ingold em seu livro *“Antropologia e/como educação”* (2020)². No caso do ensino essa escuta e cuidado são desenvolvidas na própria sala de aula, a partir das dinâmicas cotidianas dos alunos e das diversas demandas surgidas no ofício de professor.

Desse modo, o objeto de estudo da pesquisa foi o aprendizado em sociologia, onde priorizei a investigação e o protagonismo dos alunos, a partir da descrição de suas reflexões, opiniões e atitudes, para buscar compreender como estes atores absorvem o conteúdo sociológico e como o interpretam. Para chegar a estas interpretações, ao final de cada trimestre ao longo dos anos de 2023 e 2024, desenvolvi uma atividade que consistia numa pergunta

² Para o autor os indivíduos não apenas ouvem os demais, mas se escutam ativamente construindo uma série de significados em suas vidas que incluem: cuidar das pessoas ou de coisas de forma prática e obediente, esperar para uma convocação, estar presente, ou entrar em presença como em uma ocasião, e ir junto com os outros, como numa adesão ou acompanhamento (Idem, 2020: 39).

simples: *o que aprendi em sociologia nesse trimestre?* Assim, com a análise das respostas, busquei chegar ao entendimento do processo de aprendizado nas salas de aula.

Como fundamento de análise utilizei a Teoria do Ator-Rede (ANT) desenvolvida por Bruno Latour em sua obra *“Reagregando o Social - uma introdução à teoria do ator-rede”* (2012), onde ele propõe uma “sociologia das associações” em contraposição a “sociologia do social” e afirma que os objetos, as ideias, as tecnologias e os seres humanos têm a capacidade de agir e transformar as redes de sociabilidade no sistema de vida atual³.

A partir disso e para um melhor entendimento do que é estar em sala de aula, a pesquisa usou como ferramenta de análise a etnografia. Na teoria do ator-rede, Latour coloca que a utilização da pesquisa etnográfica é uma das formas mais eficazes na interpretação do mundo social, pois trabalha fundamentalmente com a descrição. Essa proposta teria como objetivo o processo de descrição do que se observa, das relações entre os indivíduos, do ambiente e do mundo social onde os atores se inserem, dando ênfase na captação da dinâmica e complexidade das redes, evitando conclusões superficiais sobre a natureza das relações sociais.

A seguir, compartilharei algumas das experiências desse processo de pesquisa nas duas escolas que fizeram parte da dissertação de mestrado, apresentada ao programa ProfSocio em outubro de 2025, como requisito para obtenção do título de mestre em sociologia da UFPR. Apresento também, as reflexões sobre a pesquisa sociológica proposta pelos próprios alunos com a comunidade escolar, parte dessa mesma dissertação, sobre a implementação do novo ensino médio aplicada no primeiro trimestre de 2024 no Colégio Paulo Leminski.

Os casos e relatos buscam suscitar reflexões sobre o processo de ensino e aprendizado no atual contexto do ensino médio paranaense, bem como apontar caminhos no desenvolvimento da disciplina de sociologia nas escolas públicas, com suas diferentes realidades e também semelhanças, após a implementação do novo ensino médio e do programa cívico-militar.

Os lugares da pesquisa

³ O autor francês nos ajuda a pensar também, como ocorrem essas conexões entre os indivíduos com os próprios indivíduos, com o espaço físico, com os objetos, bem como as relações entre eles, de modo a auxiliar na compreensão de como é construído o aprendizado da sociologia e a percepção dos alunos no ambiente escolar.

O Colégio Estadual Paulo Leminski é uma das principais instituições de ensino que atuam atendendo os alunos e alunas (atualmente 2.500), na região norte e leste de Curitiba funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno. Situado em uma das principais avenidas que ligam a capital com a região metropolitana, a Victor Ferreira do Amaral, o colégio atende principalmente os bairros Tarumã, Bairro Alto, Capão da Imbuia e Cajuru, além das cidades da RMC, como Pinhais, Piraquara e Colombo. O colégio possui uma localização privilegiada na região e oferece uma diversidade de cursos técnicos, além da oferta dos ensinos fundamentais e médios e possui uma grande estrutura física, tendo em sua clientela alunos de diversas realidades sociais⁴.

A outra instituição analisada no trabalho é o Colégio Estadual Cívico-Militar República Oriental do Uruguai. O colégio está localizado na Avenida Presidente Affonso Camargo no bairro Cajuru, tradicional bairro da zona leste de Curitiba, e possui uma dimensão bem menor em relação a estrutura e ao número de alunos (1.234), funcionando nos períodos da manhã e da tarde, não ofertando cursos técnicos. A adoção do termo “cívico-militar” antes do nome da instituição, está relacionada a implementação do decreto 10.004 de setembro de 2019 sob o governo Bolsonaro que lançou as bases para a transformação das escolas do país em “cívico-militares”⁵.

No modelo implementado, os alunos seguem determinadas regras de comportamento e vestimenta e punições que remetem a instituições militares, como perdas de notas e ocorrências comunicadas por alunos monitores⁶. Uma outra característica dessas escolas são os diretores militares (policiais aposentados), responsáveis pela disciplina e fiscalização da aparência (vestimenta, corte de cabelo, brincos, etc.) e um rígido controle do ambiente escolar, com câmeras nos corredores e dentro das salas de aula, além de inspetores específicos.

⁴ A escolha do colégio ocorreu por ser a instituição onde sou registrado como funcionário QPM (Quadro Próprio do Magistério) na Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED) e pela quantidade de aulas ministradas na semana (20 horas), possuindo um vínculo maior com a comunidade escolar.

⁵No estado do Paraná, este programa foi seguido pela votação em regime de urgência do projeto de lei que originou a Lei 20.338, aprovada em 20 de outubro de 2020 na Assembleia Legislativa do Paraná (Alep), sob a atual gestão de Ratinho Júnior. Sobre os Projeto Cívico-Militares em escolas ver Souza (2021), Franzin (2023) e Camilo; Neves; Beloni; Dutra (2023).

⁶ Entre as regras estão: cantar o hino toda manhã e à tarde, formação militar no início dos turnos (sete da manhã e uma da tarde) e cumprimento militar ao início das aulas, além do uniforme e farda obrigatória fornecida pela mantenedora, a Secretaria de Educação do Estado do Paraná (Seed).

Assim, apesar das diferenças das duas escolas, o propósito de estudar essas instituições está na análise da percepção dos próprios alunos sobre o aprendizado e como esses diferentes modelos trazem consequências nesse processo, principalmente na disciplina de sociologia.

A pesquisa

O interesse em efetuar um trabalho sobre o ensino da disciplina de sociologia e o aprendizado dos alunos no novo ensino médio surge a partir da condição de professor em sala de aula e da visualização do atual formato pedagógico dentro do contexto político, além da reflexão de que poderia contribuir de alguma forma, com a melhoria das condições escolares e dos atores envolvidos. Dentro da busca por uma melhora das condições e um tentar “fazer diferente” nesse ambiente, busquei um desprendimento do formato padrão e tradicional com a escuta dos alunos e a atenção aos detalhes na condição de educador.

E essa atenção, como colocada e discutida por Ingold (2020), está em atrair uma correspondência com o mundo ou nesse caso, com a própria sala de aula, atentando-se ao que ocorre nela dia após dia. Essa correspondência estaria em corresponder ou responder uns aos outros ao longo do tempo, não somente uma conversação ou troca, o que o autor coloca como “indo junto com” os atores, mas sim, um modo de se relacionar de um ser que habita no hábito e cuja postura é atenciosa (Idem: 46). A partir desse atendimento nas salas de aula, caminhando junto com os alunos, que a prática da correspondência ocorreu durante a pesquisa etnográfica, onde compartilho a seguir os relatos das observações e as análises das atividades no ambiente escolar.

Colégio Paulo Leminski e os caminhos de estudo da sociologia

A autora bell hooks, na introdução da sua obra *“Ensinando a transgredir – a educação como prática da liberdade”* (1994), ao abordar sobre a primeira aula no curso universitário e seu desejo de ensinar de modo diferente de como aprendeu no ensino médio, coloca que a sala de aula deve ser um lugar de entusiasmo e nunca de tédio, e entrar em sala de aula demonstrando entusiasmo, no caso dela a universidade, era um ato de transgressão. Já o autor Paulo Freire (1987) interpreta o diálogo como exigência existencial, não podendo ser reduzido a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, uma troca que está mais relacionada à criação e à libertação do que somente um instrumento de conquista ideológica de um sobre o outro.

No atual contexto das escolas estaduais é um grande desafio manter o entusiasmo na sala de aula, devido a grande quantidade de alunos, a organização espacial, a utilização do celular ou o pouco tempo disponível nas aulas. Logo, manter o diálogo, o entusiasmo e a disposição é um ato de transgressão, no sentido positivo, tornando aquele momento o mais tranquilo e produtivo possível, do ponto de vista pedagógico e das próprias relações humanas. E foi esse caminho pedagógico que adotei com a maioria das turmas, desde as mais “calmas” e “tranquilas” até as mais “agitadas” e com baixo rendimento nas disciplinas. A seguir, compartilho um pouco do relato da chegada na escola e as atividades dos alunos implementadas nas turmas.

Ao entrar na escola caminho pelos corredores e posso escutar o barulho das várias salas do ensino médio, cada qual com sua diversidade de indivíduos, culturas, sons, cores, cheiros, músicas, elogios ou palavrões, barulhos e silêncios. A turma do 2ºC é considerada pela equipe pedagógica como agitada e de baixo rendimento, desse modo busquei ao longo da pesquisa adotar determinadas estratégias de ação sem perder a tranquilidade e a condução da aula, uma espécie de “diplomacia em sala de aula”. Essa atitude busca evitar o que o autor Dubet (1997) chamou de “golpe de estado” em sala de aula para manter a autoridade e a ordem com os educandos⁷.

Apesar da característica da turma, onde cada sala de aula é um universo, ao compartilhar a proposta da pergunta sociológica no final de cada trimestre, a resposta da aluna Karina, com sua personalidade estudiosa e o caderno completo com o conteúdo, nos mostra uma perspectiva interessante: *Aprendi que a sociologia nos ajuda a compreender melhor a sociedade. Através dos conteúdos, de como surgiu a sociologia, de quem oficializou, como matéria importante. A primeira parte da resposta demonstra que a aluna estava atenta aos conteúdos passados na aula que envolve o criador da sociologia Augusto Comte e sua importância no desenvolvimento do pensamento científico. E ela continua: Também aprendi que devemos questionar aquilo que há de errado, como Karl Marx, que falava sobre as classes sociais.*

⁷ A partir de sua própria pesquisa com professores do ensino fundamental, o autor resolve dar aulas para alunos de um colégio da periferia de Bourdeaux. A partir desse processo, o autor acaba por ver seus ideais de uma educação democrática e seus pressupostos serem desconstruídos, no momento em que tem que agir de forma autoritária, utilizando acessórios como a caderneta onde se anotam as punições dos educandos. Dubet utilizou esse recurso como forma de manter a autoridade e o respeito por parte deles, nas palavras do próprio, aplicou um “golpe de estado” em sala de aula (Idem: 224) para manter o controle e a ordem.

Uma das preocupações enquanto professor de sociologia é que os alunos compreendam as desigualdades no mundo atual. A Karina é uma daquelas alunas contestadoras e nas explicações sobre Marx, procuro desenhar a pirâmide social no quadro de forma a tornar mais didático o entendimento das desigualdades no capitalismo. Segundo Berger (1986) ao estudar sociologia desenvolvemos uma consciência diferenciada como condição de liberdade de pensamento e esclarecimento para o espírito humano⁸. Mas o que levou a aluna a responder assim? O fator diálogo, o caderno ou a facilidade com as disciplinas de humanidades?

Sua colega Gisele da mesma turma desenvolveu a seguinte resposta: *Nesse trimestre foi visto o conteúdo sobre o método funcionalista, não só sobre isso, mas foi o mais “marcante, nele se consistia em explicar como cada área da nossa vida, não está ligada somente nela. A aluna se refere ao método de Durkheim que ensino em aula com uma dinâmica bem simples, que explicarei a seguir.*

Ao passar o conteúdo no quadro ou no *educatron*⁹ peço para algum voluntário vir até a frente da sala e abrir os braços como no Homem Vitruviano, desenho clássico do artista Leonardo Da Vinci. A dinâmica consiste em apontar para os membros superiores (cabeça, braços, tronco) e dizer a eles que cada um é uma instituição social. A cabeça é a família, o braço direito a escola, o braço esquerdo o sistema judiciário e o tronco o estado, por exemplo. Faço a explicação de que, tal como no corpo humano, cada instituição social está interligada e que o bom ou mal funcionamento de uma prejudica diretamente a outra.

A grande dificuldade para explicar os fundamentos da sociologia, a partir das teorias dos autores clássicos, está no tipo de transmissão. O quadro e o giz muitas vezes levam o aluno a uma simples memorização do conteúdo para utilização em avaliações, copiando do quadro e visando à atribuição de notas de caderno, como muitos professores fazem. O conteúdo mais “marcante” colocado pela aluna talvez não esteja relacionado ao nome do autor clássico e a importância dele para o reconhecimento da ciência social, mas na forma de exposição e a

⁸ O autor coloca que os profissionais que entram em contato com a sociologia “tornar-se-ão através desses contatos, um pouco menos obstinados e sem preconceitos, um pouco mais cuidadosos em seus comprometimentos e um pouco mais céticos em relação aos comprometimentos alheios (...) e mais compassivos em suas jornadas através da sociedade”. (BERGER, 1986, p. 193).

⁹ Os chamados *educatrons* são um tipo de televisão que funciona como um computador, com memória, acesso à internet, programas, arquivos, entre outros.

relação que se faz com o mundo da vida da adolescente, a partir da metáfora do corpo humano com as instituições sociais, fazendo com que ela corresponda, no sentido ingoldiano, ao ensino do conceito.

Esses dois casos ilustram como o aprendizado de sociologia é algo que exige certa simplicidade e entendimento da realidade dos alunos. Posso citar o caso da aluna Gabriela do 2ºB do Leminski que nas aulas tinha um comportamento contido, demonstrando pouco interesse em participar das aulas e socializar com o grupo. Tudo mudou quando encontrei a aluna numa confraternização com seus colegas de bairro, migrantes de países africanos (Guiné-Bissau e Moçambique) numa festa do dia da África no centro da cidade. Ao me reconhecer a aluna foi muito comunicativa, falou de sua vida pessoal, elogiou as dinâmicas e métodos de ensino que utilizei nas aulas e a partir dali seu comportamento mudou.

Ela ficou muito mais participativa demonstrando interesse e fazendo com que a turma se interessasse mais pelos conteúdos. Houve um caso onde os alunos do “fundão”¹⁰ quase entraram em um embate físico por questão de jogos on-line e Gabriela interviu com tom de voz alto e agressivo, que fez com que a discussão cessasse de imediato. A turma toda ficou surpresa, incluindo o professor.

A forma ou a didática de transmissão do conhecimento, não são os únicos elementos importantes no processo de aprendizado escolar de sociologia. Gabriela sentiu-se à vontade para falar sobre si e seu aprendizado não no ambiente escolar, mas numa festa dos amigos num final de semana. Pereira (2010) em sua etnografia sobre a juventude na periferia paulista, faz o relato de uma experiência com os alunos que acompanhou até um bar em que foram “matar” aula. Nesse relato o autor destaca que a percepção de alguns conceitos (relações de ludicidade e brincadeira) foram vislumbrados nesse momento de descontração. Ao citar Willis (1991), Carrano e Peregrino (2003) em relação ao comportamento dos alunos sobre o tempo institucional, rígido e inflexível e a temporalidade dos jovens, Pereira coloca que há uma contraposição por parte dos alunos entre o tempo engessado da escola e a temporalidade das brincadeiras nos momentos externos.

¹⁰ O autor Brandão (1994) no texto “Sala de aula: que espaço é esse?” faz uma reflexão sobre as características espaciais e comportamentais do que seria a turma do fundão. Entre tantas transgressões colocadas pelo autor a principal seria: transgredir as regras de comportamento estabelecidas pelo regimento dos colégios para a sala de aula, colocadas e protegidas pela “trindade maldita” composta por diretores, professores e inspetores.

Essa reconfiguração do espaço e da dinâmica da sala de aula, ocorreu no caso de Gabriela cuja resposta da pergunta sociológica foi a seguinte: *Nós vimos o método funcionalista, que nos explica como funciona cada um na sociedade, vimos também o jeito que Karl Marx e Émile Durkheim vêem a sociedade*. Podemos perceber que sua resposta foi bem simples e sem aprofundamentos, porém a partir do encontro fora do ambiente escolar, a aluna apresentou um comportamento participativo, interferindo inclusive na dinâmica da turma.

Nesse caso a teoria do ator-rede auxilia na interpretação no sentido de que Gabriela é um ator social que influencia e modifica o estado de outros elementos na rede de relações da sala de aula, onde aparentemente, quem “dá as cartas” é o professor ou os agitadores do “fundão”. Mas Gabriela, a partir do interesse e entendimento pela explicação, que ela trouxe pra mim na festa, demonstra que o seu poder de ação tem um resultado direto na rede de relações¹¹. E nessa rede de relações da sala de aula temos muitos alunos com diferentes perfis, que influenciam no funcionamento desses espaços e consequentemente no aprendizado.

Aprendizado no cívico-militar e as percepções de sociologia e antropologia

A chegada no Colégio Uruguaí foi uma experiência significativa em minha vida como educador. Logo na entrada, já escutei a partir de um megafone apontado para área externa, os diretores militares gritando regras e palavras de ordem para os alunos. Me senti como no clipe da banda *Pink Floyd* o *The Wall* e também como os pioneiros da antropologia Malinowski (1922) e Levi-Straus (1955) no sentido do estranhamento mútuo que eles vivenciaram no campo¹². As minhas primeiras aulas eram na turma do 2ºA, onde poucos alunos conversaram comigo e entre aqueles que se aproximaram, compartilho a resposta de duas meninas, a Tamires e a Ingrid. Naquele trimestre de 2023, usei as mesmas metodologias do Colégio Paulo Leminski, o desenho da pirâmide social de Marx e a metáfora do corpo humano e das instituições em Durkheim.

¹¹ Nas palavras de Latour (2012) “se um ator é um ator-rede, é em primeiro lugar para esclarecer que ele representa a principal fonte de incerteza quanto a origem da ação”, origem esta que estaria na relação familiar compartilhada pela aluna que, em sala de aula, demonstra por diversos motivos um comportamento diferente.

¹² Essa experiência quase me fez abandonar as aulas na instituição. O modelo cívico-militar implementado no atual governo ia totalmente contra minha visão de uma educação ideal, mais humana, compreensiva e construtiva. Mesmo assim, me concentrei e segui firme no propósito de trabalhar com o ensino da sociologia como ferramenta de transformação social. E segui adiante com esse planejamento.

Dou início pela resposta da aluna Ingrid, onde ela menciona uma reportagem que exibiu em aula sobre a questão do trabalho: *Aprendemos muitas coisas como ações sociais, culturas, entre outros, o mais recente foi um documentário sobre os “trabalhador” e como as pessoas são escravizadas por falta de estudo, trabalharem por pouco, a sociologia trás um lado da sociedade onde não temos muito contato.* Além do conceito de ação social de Weber e as diferentes culturas que desenvolvemos na introdução à antropologia, a aluna deu ênfase na reportagem “*À força – a escravidão moderna*” veiculada pela TV Brasil¹³ que mostra a realidade dos trabalhadores brasileiros em situação análoga à escravidão.

Ao utilizar o recurso audiovisual (a partir do *educatron*) desenvolvo os conceitos sociológicos (trabalho, exploração, cultura, etnia, desigualdade e preconceito) de modo a refletir sobre as problemáticas vigentes. Em conversa após a aula descubro que o problema da escravidão moderna não está próximo do seu cotidiano, apesar de fazer parte da realidade brasileira¹⁴. Mas, segundo ela, a sociologia por meio da explicação dos conceitos e apresentação dos fatos, “trás” essa triste verdade ao seu mundo da vida. A fala da aluna em relação a disciplina, indica que o recurso audiovisual auxilia na visualização e compreensão de que existe um grave problema social como a escravidão moderna.

Bridi (2009) coloca que a escola está desafiada a desenvolver alfabetizações múltiplas ao falar sobre a utilização de recursos audiovisuais no aprendizado em sala e citando Kellner (2001:07) diz que é preciso “combinar habilidades da alfabetização crítica da mídia com a alfabetização tradicional da imprensa e com as novas formas de alfabetizações múltiplas para acesso e domínio de novos ambientes de multimídia e de hipertexto”. E na sala de aula atual, a combinação de alfabetização tradicional com novas formas de alfabetizações múltiplas são fundamentais no ensino e aprendizagem, pois os alunos estão totalmente imersos no mundo digital (via celular, jogos digitais e aplicativos como *Tik Tok* e *Instagram*), mas sem uma devida instrução ou “filtro” crítico do que se acessa¹⁵.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?si=7cBEO8aZHgi3p5p7&v=5VFrErCJijE&feature=youtu.be>

¹⁴ A aluna mora com a família próxima à escola e que segue um dos ramos das religiões evangélicas. Seu pai trabalha em uma oficina de carros e a mãe numa loja de produtos escolares próxima a sua residência. Fonte: Anotações do caderno de campo (maio e junho de 2023).

¹⁵ É importante mencionar que nós educadores não temos nenhum tipo de treinamento ou instrução por parte da mantenedora (SEED) sobre como utilizar os recursos audiovisuais (filmes, séries, documentários) em sala. Nas formações que ocorrem a cada trimestre nas escolas, normalmente são debatidos temas que remetem a política

A seguir a resposta da aluna Tamiris¹⁶ que tinha um perfil de liderança e presença em sala, muitas vezes sugerindo dinâmicas diferenciadas (metodologias ativas) através da apresentação de seminários: (...) *aprendi bastante o conceito de cultura, identidade e respeito a diferença. Eu meio que já sabia de tudo isso, mas sempre é bom lembrar e aprofundar um pouco mais seu conhecimento e com isso, a sociologia nunca erra.* A resposta da aluna é interessante pois ela escreveu numa narrativa semelhante a uma conversa informal e isso numa instituição cívico-militar, demonstra a valorização do diálogo e da escuta, bem como o protagonismo juvenil, fundamental no desenvolvimento de qualquer disciplina. É provável que Tamires nunca tenha estudado os conceitos de cultura e identidade nas ciências sociais, apesar de ela reconhecer o caráter científico da disciplina.

Seguindo na resposta: *Lembrando que também aprendi um tico (na verdade muito!) sobre o Weber, por mais que tenha sido um assunto meio raso dentro da minha cabeça, mas tudo bem, ainda tem muito estudo pela frente. Teve mais conteúdo, claro, mas gostei muitíssimo mesmo de estudar antropologia!* A colocação da aluna revela que ela aprendeu os conceitos de Weber, mas que estes ficaram rasos em sua memória. Essa superficialidade seria uma falha metodológica na transmissão tradicional (quadro, giz) do conhecimento? Ou que não conseguiu acessar o mundo da vida da aluna através de metodologias específicas, como nas de Marx e Durkheim? Mas percebe-se também que ela espera compreender outros conceitos da disciplina ao longo do ano e do ensino médio.

No caso da antropologia, a identificação com o conteúdo veio por meio do seu interesse pela cultura, identidade e respeito a diferença. Ingold (2019: 60) coloca que “a antropologia não lhe diz o que você quer saber; ela abala os fundamentos daquilo que você pensava que já sabia”. Posso sugerir que os estudantes acabam por não dominar os conteúdos em sala, mas talvez adquirem mais sabedoria. No sentido dos conceitos abordados que não se encontram na

educacional do atual governo e sua incessante busca por índices e resultados. Com a tecnologia cada vez mais presente e com as condições de trabalho em sala, percebo que nós educadores estamos cada vez mais defasados no acompanhamento das novas gerações e as múltiplas tecnologias presentes.

¹⁶ A aluna tinha 17 anos e aparentava ter um pouco mais devido a sua maturidade desenvolvida ao lecionar aulas de inglês numa escola de seu bairro. Seguidora do cristianismo do ramo evangélico, ao completar 18 anos casou-se com um rapaz de sua igreja. A importância da aluna na rede de relações da sala de aula, estava em ela ser a “chefe de turma” por diversas vezes ao longo do ano e por ser muito comunicativa, onde nas nossas aulas dialogava com o professor e a turma de forma livre e espontânea, aparecendo essa característica em sua resposta da pergunta sociológica.

interpretação do senso comum, mas na compreensão de que há culturas e identidades diferentes que podem ser desconstruídas e reinterpretadas por eles no cotidiano¹⁷. Pode ser esse o interesse da aluna pela antropologia, o de adquirir mais conhecimento e sabedoria na medida em que discutimos em sala a partir dos seminários de apresentação sobre diferentes culturas, religiões e noções de identidade étnica e de gênero.

A seguir apresento alguns resultados da pesquisa sociológica sugerida, elaborada e aplicada pelos alunos do Colégio Paulo Leminski. O objetivo é trazer as reflexões sobre a condição dos estudantes no contexto do novo ensino médio e como isso afetou o aprendizado no período de implementação, uma vez que eles foram as primeiras turmas a sentir os impactos provocados pela mudança.

O novo ensino médio

Foi no final do terceiro trimestre que uma aluna do 3ºC fez uma proposta de avaliação que consistia na aplicação de uma pesquisa sociológica sobre o novo ensino médio na escola, onde os próprios alunos formulariam as perguntas, entrevistariam a comunidade escolar e apresentariam os resultados coletados. Essa pesquisa contou com a participação da comunidade escolar, e foi aplicada por estudantes dos terceiros anos A, B e C do Paulo Leminski¹⁸.

O autor Giddens (2008) coloca que a sociologia é o estudo da vida social, dos grupos e da sociedade, em que o objeto de estudo é nosso próprio comportamento como seres sociais. Esse olhar mais amplo dos fenômenos sociais visa gerar nos estudantes uma visão crítica do todo social e do campo da educação através da instituição escolar. E a pesquisa sociológica efetuada pelos alunos demonstrou esse viés crítico a partir do protagonismo e da problematização dos mesmos, sobre o novo ensino médio. Em seguida compartilharei duas respostas e seus resultados, como forma de apresentar o contexto escolar pelo viés dos próprios atores (alunos e professores).

¹⁷ Nesse sentido Ingold afirma que a antropologia é um conhecimento holístico focado no “entrelaçamento de aspectos da vida, que poderiam, de outra forma, ser repartidos entre diferentes disciplinas para seu estudo isolado” (Idem: 66). Ao estudar conteúdos que abarcam valores e aspectos da vida da estudante e dialogam com outras áreas do conhecimento, o aprendizado sobre os temas e sobre a própria antropologia se mostra presente.

¹⁸ Durante o processo, pude observar o protagonismo dos estudantes na rede de aprendizado como coloca Latour (2012). Para o autor, ator é aquele que não age simplesmente, mas que tem sua ação deslocada, influenciando a rede de relações.

A primeira pesquisa foi feita pelas alunas Gabriela, Luanna e Nathalia do 3ºB. As alunas fizeram uma pesquisa quantitativa com as seguintes perguntas: “*Você é a favor ou contra a sexta aula?*”, “*Você acha que os itinerários formativos te ajudaram a escolher sua profissão, faculdade ou curso?*” e “*Se você pudesse remover algum desses itens do novo ensino médio, qual seria?*”. Os quatro alunos que participaram responderam ser contra a sexta aula¹⁹.

Na segunda pergunta relacionada aos itinerários formativos as respostas indicaram que essa forma de organização e mudança no currículo não auxilia ou direciona os alunos na vida profissional, comprovando que um dos objetivos da nova reforma, o direcionamento profissional, não foi alcançado ao menos em relação aos alunos do Paulo Leminski²⁰. A última pergunta sobre a remoção dos itens, indicou que dos quatro alunos entrevistados, três deles optariam pela retirada da sexta aula e somente uma aluna (Gabrielly) assinalou a opção da retirada das matérias essenciais²¹.

No final, as alunas apresentaram um resultado da pesquisa por meio de uma porcentagem simples. A maioria dos alunos se posicionou contra a sexta aula e os itinerários formativos. Na questão sobre a remoção dos itens essenciais a porcentagem de escolha da retirada da sexta aula foi escolhida por 75% dos participantes e 25% optariam pela retirada das matérias essenciais.

Seguindo com a próxima pesquisa, temos as alunas Keren e Sophie do 3ºA que utilizaram o método quantitativo e qualitativo com as seguintes perguntas: “*O que você pensa*

¹⁹ Eram eles Felipe e Lauryane do eixo de humanas do 3ºB e a aluna Gabrielly do 3ºE e Yago do 3ºL do eixo das exatas. Com a implementação do novo ensino médio, os alunos escolhem já no primeiro ano, as divisões por área do conhecimento, ou ciências humanas (sociologia, filosofia, história, geografia, etc.) ou exatas (matemática, física, química, biologia, etc.). É importante mencionar que em ambos os eixos, as matérias de português e matemática estão presentes, variando a carga horária (maior ou menor) a partir da escolha dos alunos. A sexta aula seria uma compensação da carga horária em vista do número de disciplinas (cerca de 14) no novo ensino médio.

²⁰ Os itinerários formativos do Novo Ensino Médio compõem a parte flexível do currículo (cerca de 40% da carga horária), permitindo que estudantes aprofundem conhecimentos em áreas de interesse (línguas, matemática, ciências da natureza, ciências humanas ou formação técnica e profissional) e personalizem sua trajetória escolar. Os principais itinerários são: ciências da natureza e suas tecnologias, ciências humanas e sociais aplicadas, línguas e suas tecnologias, matemática e suas tecnologias, e formação técnica e profissional. Fonte: <https://www.gov.br/mec/pt-br/novo-ensino-medio-descontinuado/itinerarios-formativos-do-novo-ensino-medio>. Acesso em 06/04/2026.

²¹ No novo ensino médio, as matérias essenciais são: Língua Portuguesa, Matemática, Inglês, Artes, Educação Física, Sociologia e Filosofia, ou seja, aquelas que são obrigatórias para todos os alunos nos três anos do ensino médio. Com a organização recente tornaram-se disciplinas repetidas como matemática 01 e 02, língua portuguesa 01 e 02, resultando num cansaço maior dos alunos devido à repetição dos professores, com o mesmo método de ensino nessas áreas do conhecimento.

sobre o novo ensino médio?”, “O que você acha sobre a sexta aula?” e “O que acha sobre as plataformas educacionais?” e por último “Como você avalia o novo ensino médio?”. A resposta do professor Felipe (matemática) sobre a primeira pergunta foi a seguinte: *Enquanto professor vejo uma redução na parte do conteúdo de matemática. Penso que os alunos do ensino público seguem em desvantagem comparado com os do ensino privado.* O professor reflete sobre a redução das aulas no eixo de exatas e sugere que as desigualdades estão presentes também nas disciplinas “principais”, fazendo uma crítica da redução dos conteúdos e a desvantagem dos alunos da escola pública frente aos das escolas privadas.

Na segunda questão o professor sugere a diminuição das aulas para quarenta e cinco minutos ao invés de cinquenta e um intervalo a mais no turno, reconhecendo que há um cansaço presente na sexta aula do dia. Na terceira questão a resposta de Felipe foi objetiva: *As plataformas podem ser usadas como alternativas mas não encorajo a obrigatoriedade,* demonstrando que elas deveriam ter uma função complementar e não obrigatória, revelando certa empatia com os alunos²². Por fim na questão objetiva o professor coloca sua avaliação sobre o novo ensino médio como ruim, deixando sua crítica sobre a forma como este afeta a comunidade escolar.

Podemos refletir ao final deste item que o engajamento participativo dos alunos aumenta o estímulo no processo de aprendizagem. Dayrell e Carrano (2014) colocam que a noção de participação estudantil que envolve a consciência e engajamento político é ampla e diversa e inclui a participação ativa dos cidadãos, incluindo os jovens estudantes, a partir dos processos de construção de pautas, projetos e ações coletivas (Idem: 121). A aplicação da pesquisa sociológica permitiu aos estudantes acessarem, por meio da ferramenta científica, diferentes opiniões, sugestões e críticas do novo ensino médio, acessando a rede de relações da escola e expressando suas vozes como atores políticos num contexto de educação neoliberal.

Conclusão

²² O atual governo estadual iniciou o processo de plataformização do trabalho na educação. Esse termo foi definido por Nieborg e Poell (2018) como “a penetração de extensões econômicas, governamentais e infraestruturais de plataformas digitais nos ecossistemas da Web e de aplicativos” (Idem: 4276). As plataformas estão presentes em praticamente todas as disciplinas, como português, matemática, geografia, história, física, sociologia e filosofia. Entre elas podemos citar o *Leia Paraná*, a *Redação Paraná* e o *Quizz*. Sobre a plataformização da educação e o novo ensino médio ver BARBOSA e ALVES (2023).

A percepção do aprendizado de sociologia a partir da pesquisa me levou a pensar sobre alguns pontos importantes. O primeiro é que a instituição escolar, com seu espaço plural e diverso e seus muitos indivíduos, abrange nós educadores como mais um dos elementos na sua rede de relações, o que significa afirmar, em outras palavras, que não temos o controle sobre os acontecimentos da sala de aula. Propomos teorias e conceitos em nossos planejamentos que são significativamente ressignificados pelos atores sociais e pelo próprio contexto de uma sala de aula. O segundo é que o modelo de educação implementado pela Seed a partir da última reforma educacional prejudicou o ensino e o aprendizado dos adolescentes. O aumento das disciplinas, as muitas plataformas e recursos tecnológicos implementados, além da falta de diálogo e a cobrança por resultados geraram críticas negativas e desinteresse nos alunos, afetando o processo educacional como um todo. O terceiro ponto é sobre o conceito de aprendizado, que não está somente no foco do professor ou do aluno. Ele se localiza na relação que ambos estabelecem no ambiente institucional e fora dele, a partir da escuta e do diálogo constante.

A teoria do ator-rede de Latour (2012) e as contribuições de Ingold (2019, 2020) me indicaram um caminho de acesso a realidade escolar. O desapego das concepções clássicas de pesquisa sociológica com orientação de seguir os atores e escutá-los com atenção, mudou minha compreensão de pesquisa social, permitindo aprender com os jovens estudantes e perceber as dinâmicas próprias das salas de aula. Cabe a nós educadores conseguirmos acessar esse universo com técnicas simples e específicas como a observação, a escuta, o diálogo e a empatia, permitindo assim a liberdade e a autonomia dos estudantes em relações mais horizontais num sistema educacional arcaico e verticalizado. A utilização da etnografia nessa perspectiva permitiu perceber também que a sala de aula é um ambiente diverso, um universo de realidades sociais, onde os temas propostos no planejamento e presentes no ensino da sociologia passam por um processo de reinterpretação a partir das demandas dos atores sociais²³.

²³ Há uma diferença significativa nas formas de abordagem teóricas de Ingold e Latour. Essa distinção foi colocada por Ingold (2012) em seu artigo “Trazendo as coisas de volta a vida: emaranhados criativos num mundo de materiais” onde ele critica as noções de objeto e de rede propostas pela teoria de Latour, Law e Callon. O autor propõe o conceito de malha ao invés de rede para pensar a cultura, as relações de comunicação integração e o fluxo entre as coisas. O importante na presente dissertação, apesar das divergências teóricas dos autores, é a ideia sistêmica que ambos explicam. Tanto Latour como Ingold consideram que existe uma ligação entre os atores dentro de um sistema social. E tanto um quanto o outro buscam analisar o sistema a partir do que os liga, como o hífen presente na palavra ator-rede ou as linhas dentro da malha explicada por Ingold. Latour (2012) utiliza o conceito de objeto que age no domínio das relações materiais e causais, modificando uma situação e fazendo a diferença no curso da ação em um sistema social. O conceito de coisa para Ingold está ligado a um “agregado de fios vitais” que fazem acontecer e onde esses acontecimentos se entrelaçam nas relações sociais e na natureza, como

O sentido atribuído pelos alunos na disciplina ocorreu com a visualização das teorias e conceitos através de exemplos simples e práticos, como no caso da explicação funcionalista (com o modelo do homem vitruviano) ou no desenho da pirâmide social na explicação da teoria das classes sociais. Podemos perceber também, a partir dos casos relatados, que há uma rede de aprendizado nas escolas que está em constante transformação, sendo influenciada pelos diversos atores, que participam e moldam esse conhecimento. Esta rede conecta professores e alunos a partir das relações estabelecidas no ensino médio e constituída no ensino escolar. Assim, nós professores, temos nosso papel redefinido, deixando de ser exclusivamente os transmissores do conhecimento e passando a atuar como mediadores e organizadores dessa rede de aprendizados.

A pesquisa também evidenciou os desafios impostos pelo sistema educacional contemporâneo, marcado pela padronização, plataformização e a busca por resultados, características intensificadas pela implementação do novo ensino médio, como colocado pela própria comunidade escolar na pesquisa sociológica. Tal contexto revelou a reprodução de desigualdades sociais e práticas de silenciamento, associadas a mecanismos de controle e poder analisados por Michel Foucault (1987).

Por fim, as reflexões oriundas da etnografia permitiram compreender o aprendizado como resultado das relações estabelecidas dentro e fora da sala de aula, emergindo valores como solidariedade, criatividade e empatia, por meio da escuta e do diálogo. Esse ponto ficou evidenciado no caso dos alunos do Paulo Leminski e do Uruguai, a partir de suas respostas e do encontro com a aluna Gabrielly no evento da festa da África.

Assim, houve a resignificação do papel dos sujeitos e dos objetos no ambiente escolar e a ampliação das possibilidades de aprendizado. Logo, ao promover maior liberdade, autonomia e diálogo, o ensino da sociologia reafirma seu potencial formativo na construção de sujeitos críticos e conscientes. Apesar da desvalorização da profissão docente, o ensino de sociologia resiste como instrumento de transformação social, reafirmando a importância da escuta, da experiência e da superação de padrões tradicionais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

exemplo as árvores e as nuvens (Idem:30-31). O objetivo de utilizar essas duas teorias, apesar das divergências, está no ponto em que elas se encontram e no modo como posso utilizar suas ideias na explicação do aprendizado da sala de aula.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Renata Peres; ALVES, Natália. **A Reforma do Ensino Médio e a Plataformização da Educação: expansão da privatização e padronização dos processos pedagógicos.** e-Curriculum, São Paulo, v. 21, e61619, 2023.

BERGER, Peter L., e Thomas Luckmann. **A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento.** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A turma de trás.** In: MORAIS, Régis de (Org.). **Sala de aula: que espaço é esse?** Campinas: Papirus, 1994.

BRIDI, Maria A.; ARAÚJO, Silvia, M.; MOTIM, Benilde L. **Ensinar e aprender Sociologia no ensino médio.** São Paulo: Contexto, 2009.

CAMILO, Merielle; NEVES, Marcos Cesar Danhoni; BELONI, Belmiro Marcos; DUTRA, Alessandra. **A Necropolítica das escolas cívico-militares no Paraná.** Educere - Revista da Educação da UNIPAR, Umuarama, v.23, n.3, 2023.

CARRANO, Paulo e PEREGRINO, Mônica. **“Jovens e escola: compartilhando territórios e sentidos de presença”.** A escola e o mundo juvenil: experiências e reflexões (Série Em Questão, n. 1). São Paulo: Ação Educativa, 2003.

DA MATTA, Roberto. **Ensaio de Antropologia Estrutural.** Petrópolis: Vozes, 1973/1974.

DAYRELL, Juarez. CARRANO, Paulo e MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DAYRELL, J. **“Do controverso “Chão da Escola” às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação.”** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 23, n. 49, set./dez. 2017.

DUBET, François. **“Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet”** - Entrevista concedida a Angelina Peralva e Marília Sposito. Revista Brasileira de Educação, nº5 e 6, ANPED, pp. 222 – 232, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FRANZIN, K. F. **Pecim: um olhar sociológico sobre as escolas cívico-militares no Paraná** (2018 2022). Universidade Federal do Paraná, UFPR, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

INGOLD, Tim. (2015). ***The Life of Lines: A World Without Objects***. London: Routledge.

INGOLD, Tim. (2012). **“Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”**. Horizontes Antropológicos.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis: Vozes, 2020.

LATOUR, B. (2005). **Reagregando o Social: Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LÉVI-STRAUSS, C. (1964). **O Cru e o Cozido (Mitológicas I)**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

NIEBORG, D.; POELL, T. **The platformization of cultural production: Theorizing the contingent cultural commodity**. New Media & Society, v. 20, n. 11, p. 4275-4292, 2018.

PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **"A Maior Zoeira" na escola: experiências juvenis na periferia de São Paulo.** Universidade de São Paulo, USP, 2010.

SOUZA, E. de. **Representações sociais sobre a implantação dos colégios cívico-militares no Paraná: Social representations about the civic-military schools' implantations in Paraná.** Revista Cocar, [S. l.], v. 15, n. 32, 2021.

VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar.** In: NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica,** Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

CHECKLIST PARA PAPER COMPLETO	
NORMAS	ASSINALAR COM "✓" OU "OK"
Logo do 14º SNS&P na primeira página	
Texto entre 12 e 15 páginas (excluindo capa e referências)	
Formato de papel A4	
Margens superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm	
Fonte Times New Roman, tamanho 12	
Recuo de 1,25 cm para a primeira linha de cada parágrafo	
Espaço entre linhas de 1,5	
Referências conforme normas o “Manual de Normalização de Documentos Científicos de acordo com as normas da ABNT” [UFPR]: < https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/73330 >	
Conversão do arquivo em .pdf	